

Nova esperança para alunos repetentes

Experiências com programas de aceleração de aprendizagem em vários estados mudam a realidade do ensino e reduzem a evasão

Lisandra Paraguassú
Da equipe do **Correio**

Horácio de Freitas Cordeiro Neto, 10 anos, estava para terminar a 2ª série quando foi tirado do colégio porque os pais queriam mudar-se da cidade onde morava, Tapeçuru, interior do Espírito Santo. Vanessa Gomes de Oliveira, 15 anos, não pôde estudar até os 10 anos porque precisava cuidar da mãe doente. Tiago Henrique de Lisboa, 9 anos, repetiu de ano pelo motivo mais comum: não gostava de estudar, não prestava atenção às aulas, não queria ficar na escola.

As histórias são diferentes, mas o resultado, o mesmo. Daiane, Horácio, Vanessa e Tiago estavam muito atrasados na escola para a idade que têm. Estavam. Os quatro agora estudam em programas de aceleração de aprendizagem. Vão pular etapas e, em pouco tempo, estarão em classes mais adiantadas, com colegas das suas idades. Principalmente, terão perdido a imagem de repetentes ou crianças que não conseguem aprender.

Os programas mudam de nome. Podem ser de Aceleração, Progressão, Reintegração, mas o objetivo é o mesmo: tirar da retaguarda alunos que estão tão atrasados na escola que já perderam a auto-estima e a fé que podem aprender. "O objetivo principal desses projetos é não só recuperar o atraso, mas também a auto-estima desses alunos que já estão derrotados pelo sistema", explica Lara Prado, secretária de ensino fundamental do Ministério da Educação (MEC).

Hoje, 47% das crianças brasileiras matriculadas no ensino fundamental — de 1ª a 8ª série — estão atrasadas para sua idade. São cerca de 14 milhões de crianças. Em média, os estudantes levam 11 anos para completar o ensino fundamental. Uma distorção de três anos. "Levantamos casos de crianças de 14 anos na 1ª série", conta Lara. O custo para o país é enorme. Financeiro e social.

Cada ano que essas crianças passam a mais na escola sai, para os cofres do governo federal, cerca de R\$ 5,7 milhões (segundo cálculos do MEC, cada aluno custa R\$ 400 por ano). Pelos três anos a mais que elas ficam no 1º grau são R\$ 17 milhões. Mas o preço maior não pode ser contado em reais. A principal consequência desse atraso é o abandono escolar, um dos defeitos da educação brasileira que ainda está longe de ser resolvido.

O Brasil conseguiu colocar, segundo os dados oficiais, 96,8% das crianças de 7 a 14 anos na escola. Mas 11% desses estudantes deixam os bancos escolares antes de terminar o ano. Já foi pior. Até 1995 o

abandono era de 15%. "Uma das principais causas da evasão é o atraso escolar. A criança se convence que não vai aprender, os pais também, e ela deixa a escola para ir trabalhar", diz Lara Prado.

Convencer esses repetentes que podem aprender não é apenas uma questão de ensinar direito. É preciso conscientizá-los de que não são burros ou inúteis, os "adjetivos" que mais costumam ouvir.

As classes de aceleração partem de uma idéia simples: o aluno que não consegue aprender em uma sala de aula normal precisa de atenção e trabalho especiais, atendimento personalizado porque a culpa não é apenas dele. "Se o aluno não aprende a responsabilidade é da escola. Ela tem que dar a resposta a isso", afirma José Clóvis de Azevedo, secretário de Educação de Porto Alegre, um dos primeiros municípios a pôr em funcionamento uma rede de aceleração.

O programa de aceleração de aprendizagem parte desse princípio. Se a criança não aprende no método formal, ela terá que aprender de alguma outra forma. Ela é colocada então em uma turma que

tem características semelhantes a sua: mesmo tempo de defasagem escolar, mesma idade. Os professores avaliam a classe e tentam descobrir o que atrapalha o rendimento de cada criança.

IMAGEM

Na maior parte dos casos, o que os professores têm que trabalhar mais é a imagem que a criança faz de si mesma. "Eles têm uma imagem péssima deles mesmos. Temos que começar convencendo-os de que eles podem aprender", conta Rose-neci do Nascimento, professora da Escola Classe 26, na Ceilândia Norte, onde há cinco das 890 Turmas de Reintegração do projeto que começou a ser implantado em 1996.

Os projetos de aceleração escolar que existem hoje no país são tocados pelos estados e municípios. O ministério não coordena diretamente nenhum deles, mas tem uma linha de financiamento para treinamento de professores e confecção de material didático.

O programa federal começou a ser planejado em 1995, com cinco estados que se dispuseram a tentar a experiência: São Paulo — que preparou o material didático —, Maranhão, Minas Gerais, Paraná e Espírito Santo. Atualmente, são 815 convênios assinados. Em outros casos, como Porto Alegre e Distrito Federal, as classes começaram sem verba federal. A maior parte dos programas ainda está no primeiro ano ou em fase de implantação, mas já há alguns

Edson Gê



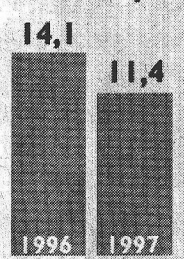
Alunos e professores da Escola Classe nº 6 da Ceilândia: convencer a criança de que ela pode aprender é a primeira tarefa numa classe de aceleração

O PERFIL DO ALUNO QUE REPETIU MUITAS VEZES

- Tem entre 10 e 17 anos
- Repetiu pelo menos duas vezes e abandonou a escola em vários períodos
- Está defasado em relação à série em que deveria estar em torno de 4 ou 5 anos, em média
- Costuma ter vergonha ou medo de ler e escrever por ter domínio
- É capaz de aprender, e demonstra isso com o que aprende fora da escola. Na maior parte dos casos, no trabalho
- Trabalha. As meninas, em trabalhos domésticos. Os meninos, como entregadores, vendedores em pontos de ônibus, ajudantes de pedreiro, etc.
- Apresenta dificuldade de expressão oral, agressividade, agitação, dificuldade de concentração, apatia
- Tem uma imagem extremamente negativa de si mesmo

Fonte: pesquisa realizada pela Secretaria de Educação de São Paulo

TAXA DE REPROVAÇÃO



exemplos no país que mostram resultados positivos.

Horácio, Vanessa e Tiago podem contar como as turmas estão funcionando na escola de Ceilândia. Em breve eles pretendem estar na 4ª ou na 5ª série. "Antes eu não gostava de

estudar. Os meninos me batiam e me chamavam de *grilo*. A professora lavava e eu só fingia que ouvia. Minha mãe me batia porque eu não gostava de estudar. Agora eu gosto, a tia Lúcia me ajuda sempre. Minha mãe me prometeu uma bicicleta se eu passar

de ano, e eu vou passar", conta Tiago, o menino que repetiu porque detestava estudar. Quando estiver pronto, Tiago vai para a 3ª série, sem grandes problemas.

"Os nossos alunos, que podemos acompanhar, não só se adaptam bem às turmas regulares como se destacam no grupo", afirma Lúcia Helena Marques, orientadora educacional da escola de Ceilândia. O resultado costuma ser comum a todas as escolas que iniciaram a experiência.

Em São Paulo — estado em que o processo está mais adiantado — uma avaliação feita no ano passado mostrou que entre os alunos das Classes de Aceleração I, 68,74% foram promovidos para uma série superior e um terço foi promovido direto para a 5ª série. No caso da Aceleração II, 87% foram promovidos para a 5ª série. "Esses alunos tendem a crescer porque ele aprende a acreditar que é capaz, prepara-se para estudar mais e é estimulado a tomar iniciativa", explica Marta Grosbaum, diretora da coordenação de planejamento da Secretaria de Educação de São Paulo.

Em Porto Alegre, onde o as Classes de Progressão funcionam com 220 turmas em 29 escolas — ou 65% da rede municipal —, os resultados também surpreendem. Combinado com o sistema que transformou as séries em ciclos — em vez de 1ª e 2ª, por exemplo, há o 1º ciclo, unindo as duas séries — a evasão nas escolas porto-alegrenses caiu de 5,6% em 1996 para 2,4% em 1997. Em 13 dos colégios a evasão foi zero.

CONCEITOS

Entretanto, para se chegar a resultados tão bons é preciso investimento. Não em material, construção ou grandes equipamentos, mas no essencial: a formação do professor. "Não é uma mudança simples. O professor tem que mudar, abandonar

velhos conceitos, da escola apenas transmissora de conhecimento, de avaliação como um julgamento", explica o secretário José Clóvis de Azevedo.

Os programas de São Paulo, Distrito Federal e Porto Alegre têm suas diferenças, adaptações feitas às realidades locais, mas têm um ponto em comum: o alto investimento em cursos de reciclagem e formação dos professores. "Nosso professor tem exclusividade com a reintegração: 15 horas semanais para dedicar à formação continuada", conta Aricélia Ribeiro, coordenadora do programa do GDF.

Entre as descobertas feitas pela avaliação do projeto paulista está a dependência que as turmas de aceleração têm de um bom professor. "Dois fatores identificados como prejudiciais para os bons resultados referem-se à escolha adequada do professor e da sua atuação na sala de aula", diz o relatório. O bom professor tem alguns pontos em comum: alto conhecimento técnico, envolvimento afetivo muito grande com a turma e consciência política muito forte.

A parte afetiva é evidente na relação entre os professores da escola de Ceilândia e seus alunos. Abraçada a uma das suas alunas, a professora Marta Maria de Andrade, revela que sente medo em deixar suas crianças quando elas passam para as classes normais. "Temo por eles, porque são muito carentes, e vão ter que se adaptar a uma relação mais distante com o professor", explica.

Tímida, Sizaltina dos Anjos, 14 anos, tem o mesmo temor. Depois de ficar vários anos na 1ª série, a menina aprendeu a ler com Marta. Transferiu-se em uma das melhores salas da escola. "Eu sou muito mais alegre agora, porque sei muito mais coisas", diz. "Mas não estou tão confiante porque sei que não vou me dar bem com outra professora."

Mudanças em conjunto

Junto com os programas de aceleração de aprendizagem vêm outras mudanças na escola. A principal delas costuma ser a transformação do sistema de educação tradicional, dividido em séries, num modelo que adota os ciclos de formação.

Muito falados e ainda pouco conhecidos, os ciclos mudam de estado para estado, cidade para cidade, mas o princípio é o mesmo: unir duas séries — ou mais, em alguns casos — e transformar o conteúdo, que costumava ter uma divisão abrupta, em algo a ser desenvolvido em mais tempo, de acordo com o ritmo das crianças.

São Paulo, Distrito Federal e Porto Alegre, que usam as classes de aceleração, passaram a adotar o sistema de ciclos. "Não podemos ter um projeto específico, apenas de aceleração. Temos a proposta de uma nova escola que garanta a progressão continuada, e os ciclos entram nesse sistema", explica José Clóvis de Azevedo, secretário de Educação de Porto Alegre.

Daiane Rosângela de Borba, de 14 anos, está em uma das turmas de Progressão II da Escola Municipal Laura Rodrigues, em Porto Alegre. A menina parou de estudar três anos porque foi morar em Porto Batista, uma ilha no rio dos Sinos, interior

gaúcho. Lá não havia escola. Quando voltou, estava atrasada. Agora, quando sair da Progressão, vai direto para o 3º ciclo — as antigas 5ª e 6ª séries. Ela ainda não sabe exatamente como funciona, porque sempre estudou em séries, mas já elaborou suas teorias sobre o método. "É legal por duas coisas: primeiro porque eu vou recuperar o tempo que perdi, e depois porque a gente aprende mais rápido se vai fazer as duas séries juntas, e dá para aprender mais coisas", imagina.

Os ciclos, assim como as classes de aceleração, estão previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, aprovada em 1996. Não há, no entanto, nenhuma resolução que determine como o sistema deve ser adotado. O resultado é que cada estado usa o modelo que acha mais adequado.

Porto Alegre e Distrito Federal, por exemplo, dividiram o antigo sistema de séries de dois em dois. São Paulo costumava seguir a mesma divisão. Mas, a partir deste ano, está começando a adotar um sistema em que de 1ª a 4ª séries são um ciclo único. "Isso nos preocupa, porque são muitas diferenças", afirma o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. "Estamos pensando em conversar com o Conselho Nacional de Educação e encontrar uma forma de normatizar isso." (LP)

ANÁLISE DA NOTÍCIA

NÚMEROS QUE IMPRESSIONAM

A grande notícia divulgada pelo Ministério da Educação este mês foi o crescimento inesperado de crianças matriculadas no ensino fundamental (1ª a 8ª séries). Foram 1,6 milhão a mais do que em 1996. A segunda boa notícia foi a queda — mesmo que pequena — do abandono e da repetência.

Não se pode dizer ainda se essa queda — de três pontos percentuais na reprovação e 1,8 ponto no abandono — deve-se a iniciativas de alguns governos estaduais de enfrentar a defasagem com mecanismos como as classes de aceleração de aprendizagem. Mas o fato é que o estado que começou mais cedo, São Paulo, tem hoje a menor taxa de evasão do país: 3%.

Mas mesmo que os índices não mudassem, o mérito das classes de aceleração não é só fazer com que o Brasil resolva o problema de crianças que levam 11 anos para terminar o que elas deveriam fazer em oito. O que elas têm de mais importante é fazer com aquele que era o burro da turma,

o atrasado, passe a se ver como gente, como cidadão, como alguém capaz de aprender tanto quanto o melhor aluno da classe. Qualquer um que já passou por uma sala de aula deve lembrar como aquele colega que repetiu de ano é maltratado. Se foi reprovado mais de uma vez, então, é crucificado. É tratado como aquele que não aprende, o desinteressado, o preguiçoso.

Cada ano que uma criança fica na mesma série e vê seus colegas — às vezes muito mais novos — seguirem em frente, é mais um pouco da sua auto-estima que vai embora. E com ela sua vontade de continuar na escola. Fazer com que essa criança mude de idéia e queira estudar é um enorme desafio. E conseguir, uma enorme recompensa. "Pegar meus alunos que não sabiam reconhecer um O e vê-los lendo um jornal e fazendo críticas é fantástico", conta a professora Marta de Andrade. "É ver que eles estão aprendendo a ser cidadãos." Essa é a maior lição que a escola pode ensinar. (LP)

Paulo de Araújo



Daiane é auxiliada pela professora: vontade de aprender mais rápido